

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 204 — Domingo, 5 de Maio de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

SOOU A HORA DA NOSSA DOCA DE PESCA

DEPOIS de mais de um ano de laboriosas negociações com o proprietário do terreno onde vai ser construída a nossa Docca de Pesca, chegou-se finalmente a um acordo que permitiu iniciar os respectivos trabalhos no fim da semana passada.

Embora este atraso no início da construção represente, segundo cremos, atraso equivalente em relação à data em que esta importantíssima obra ficará concluída, o sentimento geral na nossa terra, apenas é o de viva gratidão ao Governo pelo notável melhoramento com que dotou Vila Real de Santo António, e cuja falta constituía um vácuo lastimoso num centro piscatório e industrial da importância do nosso.

Neste reconhecimento dos vilarrealenses ocupa um lugar especial o illustre titular das

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

A cidade, ao longe

É um presépio a cidade.
É' um presépio brincado sobre o «deck» da noite.

Exagero evidente.

Presépio?
Fosses tu dar uma volta, fosses por certas ruas que há nesse... presépio...
Pudesses tu ouvir o coração que estoura em cada pedra...

Mas, de noite, a cidade com seus milhões de farolins inventando paisagens sobre o rio que a lua em conjunção desasossega...

De noite, a cidade que embora mastigando horrores não deixa de ser alegre e ter esperança...

De noite é um presépio o que meu coração quer entrever.

O Pão da Hora Negra

Sou do tempo infelizes em que nasceu o verbo «coventizar». As cidades viviam uma vida ilegal como certas mulheres ao chegar da noite: desciam o chapéu para os olhos e comiam a negra e a gritado

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Delegação do Clube Náutico

Depois de vários meses de forçada paralisação, por motivo das importantes beneficiações realizadas nas suas dependências, vai reentrar em actividade a Delegação desta vila do Clube Náutico de Portugal.

A Direcção convida o público a assistir à inauguração dos melhoramentos referidos, pelas 19 horas do próximo sábado, dia 11 do corrente.

UM PROBLEMA QUE CONTINUA INSOLÚVEL

A CRISE DA HABITAÇÃO NA NOSSA TERRA

A POPULAÇÃO de Vila Real de Santo António tem, nestes últimos anos, aumentado consideravelmente. No entanto, quanto ao problema habitacional, a vila parece continuar a sofrer de paralisação.

Poucas são as pessoas que procuram dar solução a este tão crucial problema; de ano a ano duas ou três casas são construídas, não para aluguer, mas sim para habitação dos seus proprietários.

Tal situação tem-se mantido desde que a Câmara construiu um bairro económico procurando talvez com vinte ou trinta casas resolver, para sempre, este problema que aflige a população; de tal modo se acentuou a crise de habitação na nossa terra que, hoje, é necessário procurar uma situação imediata.

A corrida à procura de casas continuou na mesma e cada vez de modo mais confrangido. Há casas, em Vila Real de Santo António, onde vivem três famílias em séria promiscuidade e condições de higiene pouco salutares.

A nossa terra é das vilas portuguesas onde a construção de casas oferece o mais proveitoso rendimento, pois o dividendo é bastante compensador.

Os preços das mensalidades das poucas moradias construídas por alguns particulares são de tal modo elevados para a classe fabril que em caso algum viriam a resolver o problema.

Fazendo um pequeno gráfico, com o ordenado de um empregado fabril, com três pessoas de família e tomando por base um princípio alimentar que muito vem



De vez em quando, fala-se em escola de jornalistas, na sua necessidade, em quanto ela poderia contribuir para a formação daqueles que poderiam vir a encontrar nos

ANTÓNIO MARIA ZORRO

Este distinto jornalista, cuja colaboração no nosso jornal foi interrompida, há tempos, por ter ido para Angola chefiar a Redacção do «Diário de Luanda», encontra-se presentemente em Lisboa, onde veio tratar de diversos assuntos relacionados com a imprensa ultramarina — e onde tem sido alvo de diversas manifestações de maior apreço — dá-nos, hoje, o prazer de podermos publicar mais um artigo seu — «Um perigo pior do que o marxismo», o que representa justo motivo de regozijo para o «Notícias do Algarve».

apresenta UMA CRÓNICA por semana

grandes jornais diários o seu emprego; argumenta-se que lá fora essa escola é já, de há muito, um facto; constantemente, embora sem que constitua uma campanha sistemática, o assunto é glosado, em todos os tons, na Imprensa.

Reconhecemos que uma escola de jornalistas é sempre necessária e útil, mas julgamos que para pouco serviria, quanto a constituir um veículo que levasse os amadores directamente a profissionais.

Os quadros do jornalismo preenchem-se, entre nós, estamos em crer, mais pela cunha, que é moeda corrente para todos os casos, do

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

UM PERIGO PIOR DO QUE O MARXISMO

APROXIMAVA-SE a passos largos da ruína, na primeira vez que a vi, a majestosa igreja de São Miguel, de Castelo Branco; abriam fendas as suas torres, de granito serrano e moreno; abaulavam-se as lajes da nave, modeladas pelo pisar de muitas gerações; e havia em seu redor certo ar de abandono e de saudade por uma grandeza perdida. Nem por isso, contudo, os albacastenses deixavam de lhe chamar, simplesmente, «a Sé».

como se ainda no sólo o Prelado assistisse aos solenes pontificais e como se fossem ainda do Prelado os «Jardins do Bispo», onde, perante as estátuas dos Reis e dos Apóstolos, das Virtudes e das Estações, florescem na Primavera algumas das mais belas rosas de Portugal.

Castelo Branco jamais se con-

ÁGUA E LUZ duas aspirações

dos moradores no Bairro do Matadouro

A CRISE de habitação em Vila Real de Santo António, tantas vezes agravada com a exorbitância de certas rendas — problema crucial que, como temos dito e redito, carece de urgente solução —, tem obrigado dezenas de chefes de família a procurar, nos arredores da nossa terra, terreno barato onde, mercê de sacrifícios de toda a ordem, lhes seja possível edificar um lar. Por este motivo, nasceu, no lado norte do Matadouro Municipal, um novo bairro. São dezenas de casas térreas, sem luxos, aliás impossíveis, nem preocupações arquitectónicas, construídas, algu-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

SERVIÇO DIÁRIO DE AUTOMOTORAS entre Lisboa e o Algarve

No próximo dia 20 do corrente, iniciar-se-á o novo serviço diário de automotoras entre a Capital e o Algarve, aspiração por que há muito se pugnava nas colunas deste semanário.

A primeira automotora partirá desta vila no dia 20, às 6 h. e 15 m., chegando a Lisboa (Terreiro do Paço) às 12 h. e 50 m.; e regressando de Lisboa (Terreiro do Paço) às 19 h. e 25 m., com chegada a Vila Real de Santo António à 1 h. e 35 m. e a Lagos à 1 hora.

O horário de partida de algumas das principais estações, no sentido Algarve-Lisboa, é o seguinte: Faro, 7,50; Loulé, 8,5; Tunes, 8,27; Lagos, 7,10; Portimão, 7,55; Silves, 7,55; e, no sentido Lisboa-Algarve: Tunes, 25,52; Loulé, 0,15; Faro, 0,29; Silves, 0,20 e Portimão, 0,35.



QUANDO TEREMOS UMA ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM?

EM 1947, com a Câmara Municipal sob a presidência do sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches, foi concedida, pelo Ministério das Obras Públicas, de que era titular o sr. eng. José Frederico Ulrich, uma participação de 176.000\$00, para a construção de uma Estação de Camionagem, cuja obra importava no valor total de 440.000\$00. O orçamento era compreendido do seguinte modo:

Mão de Obra . . .	90.096\$00
Materiais	329.113\$00
Despesas Gerais . . .	20.791\$00
	440.000\$00

Esta comparticipação veio publicada no «Diário do Governo» de 4 de Setembro de 1947, no número 206-II Série, e estabelecia o prazo de 12 meses para a execução da obra.

Não sabemos por que motivo tal obra não foi realizada. Seria por falta de estímulo, por incuria ou talvez por falta de verba da parte da Câmara?

O projecto de tal Estação de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

SERÁ INAUGURADO no fim deste mês O PARQUE DE CAMPISMO

O Parque de Campismo, velha aspiração local e elemento da maior importância como atractivo turístico, está prestes a transformar-se numa realidade, pois já estão a ultimar as obras em curso, anunciando-se a sua inauguração para os fins do corrente mês. Desta forma, os numerosos campistas que todos os anos nos visitam, principalmente durante a época calmosa, passam a dispor de um local privilegiadíssimo, que conjuga os encantos do pinhal onde se encontra com as delícias da melhor praia do litoral algarvio, Monte Gordo, de que dista escasas centenas de metros.

Embora lhe destinemos mais larga referência em altura oportuna, diremos, entretanto, que está dotado com os mais modernos requisitos para a prática da modalidade a que se destina, incluindo instalações sanitárias, água com abundância, edifício para residência do guarda e dois excelentes campos de ténis.

Pensamos que, logo que se concluem os trabalhos, talvez fosse conveniente colocar à entrada da vila e junto do posto aduaneiro da fronteira, placas com referência ao Parque e algumas setas indicadoras.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

DE VEZ EM QUANDO...

OS ESTUDOS

CARTA vinda, há dias, de Macau traz-me a grata notícia de que a minha netinha mais velha — três anos em botão — vai no próximo ano lectivo frequentar um colégio infantil que a mãe já frequentou. E acrescenta que ela, muito preunçosa e senhora de si, com ares superiores, diz para a irmãzinha, que ainda a não pode compreender: — «Agora vou estudar».

Acho engraçada a afirmação, por ser feita por sua senhoria, e interessante porque, embora inconsciente, contraria a corrente que cada vez mais se acentua — não estudes, que o estudo é uma estopada.

Quem sabe lá se ela chegada a idade consciente e própria, não navegara nessas mesmas águas? Quem deitar um golpe de vista pelos «cafés» verá, em muitos deles, as mesas ocupadas por

gente nova, que de livros e cadernos abertos ali vai estudar, naquele bulício que distrai e não concentra. Quando o cérebro pede sossego para penetração e apreensão, oferecem-lhe o arrastal ruidoso que é a vida estúpida.

PELO

Prof. TRINDADE E LIMA

tuante de um «café» actual. E circundando por entre as mesas, andam os explicadores que acodem a uma e outra para conseguirem manter de pé os que se afundam na balbúrdia e não podem tirar proveito de estudos feitos naquelas circunstâncias.

Nas escolas primárias, a confusão é a mesma. Sabemos, nós, os que trabalhamos com esta massa, como ela se depauperava de ano para ano. Os meninos das nossas candeias e cuidados

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias na cidade de Faro, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. tenente-coronel José António Guerreiro Rebeca, residente em Caxias, onde presta serviço no Instituto de Altos Estudos Militares.

Depois de passar uma temporada na sua casa de Tavira, regressou a Lisboa, onde reside, o nosso prezado assinante sr. brigadeiro Eduardo José dos Santos.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Amaro Samúdio, residente em Matozinhos.

Com pouca demora, esteve em Faro, tendo retirado para Lisboa, o distinto escritor e jornalista, nosso prezado comprouviciano e amigo, sr. Antero Pacheco Nobre.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve com curta demora, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Domingo, concessionário do Hotel Guadiana.

Encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, o nosso prezado amigo sr. José Manuel Camarada Pereira, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. José Luís Camarada Pereira.

Depois de umas curtas férias na nossa vila, retirou para Lisboa, para continuar os seus estudos, o nosso estimado amigo sr. Fernando Abecassis Marques.

Acompanhado de sua esposa e filho, partiu para Santi-Petri, (Espanha), o nosso prezado amigo sr. Angelino Parra, residente nesta vila.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

O olho da cidade, lá ao fundo, [Canto...]
la dizer que uma estrelinha [aplaude,
se não me envergonhasse
da imagensinha tola.
E é que aplaude, mesmo, não estáo vendo?

Um velho dentro da cidade

É uma ruína de causar assombro.
O saco pesa uma bobina e geme como se trouxesse o mundo ao ombro.

Eu, que sonhei ser médica ou [missionária
(estranha força a que me im- [pele!]
agonia-me o horror que a urti- [cária
— e a fome — lhe inscreveu na [pele.

E mais que a superficial ruína me dói a voz de lama e de de- [zembro:

«Nunca fui novo, menina. Não me lembro...»

A cidade ao melo dia

A cidade agita-se como uma floresta a cidade brame fulge reclama estruge a cidade é um astro que estorrasse inumeravelmente a cidade é insensível desumana bárbara rock and roll a cidade ignora o prazer das [cousas simples

demoradas a cidade ignora o pão doce à força de o retermos na boca a cidade cruel tende para Nona [Jorque.

A vitória dos homens sobre a [cidade eis a próxima tarefa dos homens dentro da cidade.

Vilancete

Torcer a clara evidência é trato que já não vence. Pois quem há que se convence?

Ao trigo que não deu pão porque foi bombardeado e ao jardim arrazado e ao moído coração e ao perdido horizonte e às ruínas da cidade e ao perder a doce idade a tal ouvi que há quem conte chamar-lhe felicidade ou degraú que a ela vence. Mas quem há que se convence?

Maria Manuela Nunes

De vez em quando... OS ESTUDOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tratam de coleccionar as veras effigies dos nossos heróis futebolísticos, discutem-nos se não chegaram ainda à plenitude de merecer idolatria e acham que, sabida a história moderna, que para eles e para muitos é formada pela pena adiantar mais. Os papás parecem concordar, porque nem já admitem que aos seus pimpolhos se lhes ralhe atirando para cima dos mestres a culpa de todos os males.

O meu sobrinho, que nos traz sobressaltados pela sua preparação para o exame final primário e admissão ao liceu, mostrava-me escrita por ele, há poucos dias, a linha completa de não sei quantas equipas que ele traz na memória e lhe alborçam o coração.

Temos de contrariar esta tendência. Não deve começar aqui a confusão em que o mundo se debate. E quando o fizermos, talvez principie aí a cura para o mal angustioso que a todos aflige e ameaça sossobrar.

Vila Real de Santo António tem as suas escolas primárias em edifícios próprios e enquadrados por pessoal docente abundante, e só não digo competente porque sou da família; tem, creio, um colégio e aspira, e com justa razão, a uma Escola Técnica, cuja fundação virá em época oportuna e não muito recuada e beneficiará toda a beira-Guadiana algarvia.

E' necessário que toda essa massa juvenil, que se propõe singrar na vida, se compenetre, de que a cabeça fica no cimo do corpo para pensar e ver longe, e que os pés, por mais que se levantem, nunca a podem ultrapassar.

Têm os pais e têm todos os que por estes assuntos se interessam vasto campo para actuar. Para uma sementeira ser farta é preciso preparar, com cuidado e carinho, o terreno onde ela vai ser lançada. De contrário, as ervas daninhas a afogarão.

Trindade e Lima

A GUA E LUZ

duas aspirações dos moradores no Bairro do Matadouro

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

mas, pelas mãos de troilhas improvisadas; outras, pouquíssimas, por pessoal habilitado, e, na sua maior parte, pelos próprios interessados, desconhecedores da arte, mas cheios de boa vontade e animados do legítimo e natural anseio que todo o homem tem de possuir uma habitação própria. Formou-se, pois, um «bairro operário» de iniciativa privada, circunstância que o torna, aos nossos olhos, especialmente simpático. Como simpático é, no seu conjunto, este aglomerado de casas de aspecto aseado, feitas de adobo, e revestidas de telha da região, pavimentadas de ladrilho de Santa Catarina, com o seu mosaico flamante à mistura, a clássica chaminé algarvia, onde a sensibilidade artística de cada um se esmerou em arrendados caprichosos, e o seu quintalório, onde as hortaliças vivem paredes meias com as malvas e as roseiras—tudo somando inúmeras canseiras, suores e algumas lágrimas de muitas famílias humildes. E todas essas habitações já deram, também, o seu contributo para a fazenda nacional, traduzido em contribuições, sisas, licenças, avaliações, etc.

Por enquanto, o novo bairro não dispõe de redes de esgotos e de distribuição de água nem electrificação. Igualmente os seus arruamentos carecem de ser pavimentados. Estamos certos, porém, de que a Câmara Municipal providenciará, oportunamente, para que todos estes indispensáveis melhoramentos sejam levados a cabo.

Entretanto, cremos que não seria muito difícil nem excessivamente dispendioso dotar este modesto aglomerado habitacional com algumas lâmpadas eléctricas, visto, principalmente em noites escuras, constituir verdadeiro risco o transitar pelas suas ruas, cheias de desniveis perigosos, covas e montes de entulho. Tanto mais que os cabos condutores de energia eléctrica passam a escasos metros dos seus arruamentos.

Outra preocupação constante para os moradores deste já populoso bairro é a falta de água po-

tável, pois os poços ali existentes só fornecem água salobra, imprópria para consumo, e, em certos casos, até imprópria para os outros usos correntes. A fonte de abastecimento mais próxima, segundo nos informam, é o Matadouro Municipal, o que obriga as donas de casa a um percurso de algumas centenas de metros, por terreno escarpado, para conseguirem o precioso líquido. Em face disto, e fazendo-nos eco das solicitações que nos têm sido feitas por numerosos dos seus moradores, sugerimos que talvez não fosse inviável dotar aquele bairro com um pequeno chafariz, situado na sua parte mais central. Trata-se de um melhoramento que, embora com carácter provisório, iria beneficiar extraordinariamente algumas centenas de pessoas.

Aqui deixamos, portanto, o alvitre, esperanças em que a nossa Câmara não deixará, na medida do razoável e do possível, de providenciar para que sejam satisfeitas as justas pretensões dos moradores do bairro do Matadouro.

Sociedade Alcouthinense de Azeites, Limitada

Por escritura lavrada hoje a fls. 16 verso do livro n.º 285 de notas do Cartório Notarial de Olhão, José Antero Nascimento Neto dividiu a quota de 5.000\$00, que tinha na «Sociedade Alcouthinense de Azeites, Limitada», em duas do valor nominal de 2.500\$00 cada uma, e cedeu uma à mesma sociedade e a outra a Luís da Silva Lopes Corvo, e foram destituídos dos seus cargos de gerentes da referida sociedade o cedente, José Antero Nascimento Neto, e o ex-sócio Sebastião Manuel Coelho.

Cartório Notarial de Olhão, 17 de Abril de 1957.

O Ajudante do Cartório Joaquim dos Santos Carapeto

PINTOS (VULGARES)

Do dia 5\$00 — Com 2 ou 3 Semanas 6\$00.
Pequenas criadeiras com capacidade até 15 Pintos 45\$00.
Triturado de cereais, para aves 2\$20 Klg.
Rua Duarte Pacheco, 39-1.º — FARO

FESTIVAL DA ROBIALLAC

Na passada quinta-feira, dia 2 de Maio, realizou-se no Cine-Teatro Santo António, em Faro, o espectáculo do «Festival da Robiallac», comemorativo do 25.º ano da sua fundação, e tão ansiosamente esperado por todo o Algarve.

Numa magnífica sala de espectáculos, entre escolhida e distinta assistência, teve início um programa de variedades, bastante original e de grande agrado do público. Dentre os numerosos actores, bastante conhecidos da rádio, teatro e cinema, destacamos, sem desprestígio para todos os outros: Luís Piçarra, Maria Olguim, Maria José Valério, os magníficos bailarinos Constant e Ivone, Maria Bastos, Maria Pereira e a encantadora brasileira Déo Maia que, com os irmãos Guarás, deliciou toda a assistência.

Deu maior relevo ao programa, a magnífica orquestra dirigida pelo conhecido maestro Ferrer Trindade.

O espectáculo que se prolongou até à 1,50 horas da madrugada, terminou com uma efusante salva de palmas, com que o público brindou esta simpática iniciativa, da acreditada Fábrica de Tintas «Robiallac».

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 27 de Abril a 3 de Maio:

TRAINEIRAS

Aldita	163.990\$00
Norte	139.980\$00
Flor do Guadiana	130.790\$00
Sul	62.110\$00
Brisa	58.540\$00
Pingum	54.240\$00
Kaulito	54.060\$00
Mogador	49.500\$00
Tóluis	47.845\$00
Rajada	45.480\$00
Tozé	41.670\$00
Lagoa Azul	39.748\$00
Conceicanita	35.190\$00
Maria Rosa	34.210\$00
Triunfante	33.000\$00
Ramira	22.970\$00
Lenita	21.710\$00
Sr.ª da Piedade	19.469\$00
Malaca	17.950\$00
Novo S. José	17.690\$00
Levante	16.960\$00
Pérola do Guadiana	16.300\$00
Deolinda Rita	13.390\$00
Flor do Sul	13.080\$00
Liberta	11.480\$00
Agadão	11.480\$00
Jomanel	8.170\$00
Persistente	7.330\$00
Boreal	6.550\$00
Deus te guarde	6.490\$00
Alvarito	6.460\$00
Pérola de Lagos	5.920\$00
Audaz	5.070\$00
Noroeste	4.878\$00
Salvadora	3.124\$00
Cine	2.970\$00
Costa Azul	2.720\$00
Lola	2.590\$00
Portugal IV	2.480\$00
Luís Fernando	1.780\$00
Arrifana	1.660\$00
Pérola do Oceano	1.570\$00
Maria Sérgio	1.440\$00
Trio	1.400\$00
Praia Amélia	1.280\$00
Mélinha	1.180\$00
Briosa	1.110\$00
Oeste	700\$00
Clarinha	548\$00
Satúrnica	360\$00
Total	1.250.632\$00

CERCO

Novo Machado	25.920\$00
Lívio	1.485\$00
Total	27.405\$00

Entradas: GUDMUNDRA, Sueco, de 2557 ton., de Baltimore, com folha de flandres.

EIBERGEN, Holandês, de 498 ton., de Newport, com carvão.

STARLING, Inglês, de 1356 ton., de Bristol, com folha de flandres.

HUNZE, Holandês, de 499 ton., de Portimão, vazio.

Saídos: MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério. GUDMUNDRA, Sueco, para Cadiz, com carga em trânsito. STARLING, Inglês, para Cadiz, com carga em trânsito.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 4 a 10 de Maio, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

NOTÍCIA SENSACIONAL

*V. Ex.ª pode ter
Absolutamente de graça!*

ALGODÕES — LÃS — SEDAS — NOVIDADES
OU OUTROS ARTIGOS, DOS MUITOS
À VENDA NA TÃO CONHECIDA

CASA SIMON

SE OS ADQUIRIR ENTRE 3/5/57 E
AS 12 HORAS DO PRÓXIMO DIA 17.

NÃO SE ESQUEÇA! SÓ ATÉ ÀS 12 HORAS

Casa SIMON = VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPANHIA DE SEGUROS



CAPITAL E RESERVAS: 287 MIL CONTOS

CORRESPONDENTE

ARTUR ALEIXO HORTA

A TODO O ALGARVE

PENSÃO RESIDÊNCIA DO SUL

Participa a inauguração do alargamento das suas instalações. Optimos quartos com água corrente e camas, como nos bons hotéis.

Rossio, 59-2.º e 3.º Esq.º — Telefone 22511 LISBOA

Filial — Pensão Estrela dos Anjos (1.ª Classe)

Serviço de Restaurante, recentemente inaugurado a preços acessíveis.

Rua dos Anjos, 70 — Telefone 41379 LISBOA (Junto ao Ginásio)



DESPORTO

FUTEBOL

LUSITANO, 3 — ELVAS, 2

A'rbítrio: Conceição Salgado (A. F. Setúbal).

Lusitano: Ramos; Daniel, Pescada e Gonçalves; Lopes e Padessa; Ramos, Modesto, Vitoriano, Travassos e Parra.

Elvas: Veríssimo; Pedras, Oliveira e Conceição; Romão e Marchão; David, Velasquez, Mé, César e Lálá.

Os visitantes iniciaram a partida a jogar com grande desenvoltura, perturbando seriamente a equipa local. A 10 minutos do começo, ganhavam já por 2-0 e haviam desperdiçado outras oportunidades de golo. O Lusitano, porém, operou forte reacção, obrigando o antagonista a defender-se com cuidado. Pouco depois do recomço, Tra-

vaços e Modesto conseguiram estabelecer a igualdade no marcador e a partida passou a jogar-se com grande entusiasmo. O Lusitano, actuando mais sobre o meio campo contrário, e o Elvas a responder com perigosos contra-ataques pelos extremos.

O resultado final foi fixado no último minuto, por intermédio de Parra, com um tento de grande efeito.

O árbitro teve excelente trabalho e o jogo foi disputado com grande correcção. Vitória justa do Lusitano.

No jogo realizado em Serpa, coube ao grupo da casa a vitória, por 5 bolas a 1.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	3	1	2	—	8-4	4
Lusitano	3	1	1	1	6-7	3
Elvas	3	1	1	1	7-5	3
Estrela	3	1	—	2	5-10	2

Jogos para hoje:

Serpa - Lusitano
Estrela - Elvas

JOSÉ VASCO NUNES

MÉDICO

Consultas todos os dias a partir das 15 horas.
Consultas aos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas.

Consultório - Rua da Princesa, 90
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VENDE-SE

UMA GELEIRA TIPO FRIGORÍFICO

INFORMA:

JANELAS VERDES
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que pelo valor real dos indivíduos.

Bastar-nos-á verificar quantas barbaridades preencham as colunas da nossa imprensa maior e a recusa sistemática dos originais de quem não tem nome feito — como se quem presentemente tem nome feito não tivesse começado por ser um desconhecido —, sem que haja a preocupação de tomar conhecimento do valor real.

As excepções que aparecem são apenas panaceia para arregimentar simpatias, e mesmo estas excepções verificam-se puramente no campo literário: contos, poesias, ensaios literários, biografias de escritores ou poetas, e por aí adiante, sem fugir do campo estritamente literário. Se se pretende tratar de um problema económico, de carácter social e que pode interessar a toda a gente, imediatamente a recusa vem; a recusa, não é bem, porque normalmente não há qual-quer resposta; e as excepções, diga-se em abono da verdade, quase se não podem empregar no plural.

Escola de jornalistas, afinal, temos já uma e grande: a imprensa regional. Ai sim! Ai é que existe a nossa maior escola de jornalismo; e lá (ou cá) é que o jornalista profissional deveria ir buscar os valiosos elementos de que carece; e carece-os, desde já, para que as suas colunas se valorizem realmente.

As portas da imprensa regional, da digna a menosprezada imprensa regional, estão quase sempre abertas a todos, e principal-

mente áqueles que nunca viram o seu nome em letra de forma, a não ser nos bilhetes de visita, quando os usam.

A escola de jornalistas mais eficiente e segura é ela e é nela que se travam as grandes batalhas, com os olhos postos na comunidade e no País; é nela que os vitais problemas se debatem e equacionam; e quantas vezes nela se encontram as verdadeiras soluções. E, quase sempre, são os modestos obreiros sem nome feito, áqueles que não têm lugar na mesquinha imprensa que certos senhores que se julgam inatíngíveis possuem, que agitam os problemas e desbravam o caminho. Só ela, verdadeiramente, representa o País, fronteiras adentro. O resto é para constar lá fora. E' mera propaganda que a ninguém aproveita, porque nada haverá de mais prejudicial do que nos julgarmos aquilo que não somos.

A melhor escola de jornalismo que poderá existir é o contacto directo e permanente com os reais interesses da nação e uma inteligência e visão que nos permita abarcar os problemas sociais dos nossos dias.

José dos Santos Marques

UM PERIGO PIOR QUE O MARXISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da constróem e tudo minam, seria a inconsciência católica perante as ingentes tarefas do presente.

Em ambas estas afirmações do insigne Prelado estão evidentes dois problemas, cuja gravidade transcende largamente o âmbito da sua diocese: — são, sem exagero, dois problemas nacionais, sobretudo o primeiro.

Contrariamente ao que muita gente julga, há em Portugal uma falta substancial de clero. Com uma população semelhante à da Bélgica, a Metrópole portuguesa, comparada áquele país, tem, para o triplo de dioceses, um terço do seu contingente de sacerdotes. E este problema é tanto mais grave quanto é certo que Portugal não existe apenas na Europa, mas também — ia a escrever principalmente... — nas nossas Províncias Ultramarinas, duas das quais constituem um campo infinito de acção e de responsabilidades.

No entanto, a estatística assevera-nos que a quase totalidade da população portuguesa se diz católica; as declarações oficiais ou particulares que diariamente se fazem, em sessões mais ou menos solenes, accentuam com veemência o cristianismo do nosso povo; na Escola, ou para além da Escola, o Estado tem concedido à Igreja todas as possíveis facilidades para o exercício do seu magistério; e nesta mesma Quaresma que atravessámos, foram tão frequentes como o eram há meio século, por esse País fora, as devotas procissões da Paixão, mais conhecidas por «Senhor dos Passos». Qual a razão da insuficiência do clero em Portugal?

Creio que a razão está naquilo a que o Bispo de Portalegre e Castelo Branco chamou «incons-

ciência católica perante as ingentes tarefas do Presente»; a um povo católico não lhe basta a Fé: — exige-se-lhe a prática da Fé, no cumprimento social dos seus mandamentos; exige-se-lhe a noção de que cada um participa do destino de todos.

Grande parte dos católicos portugueses — que são quase a totalidade dos portugueses — não tem a noção das suas responsabilidades sociais e limita-se a procurar cumprir o que julga ser o seu dever individual para com a Igreja, como quem cumpre um contrato, como quem assina um livro de ponto: — sem entusiasmo, sem fogo, sem doação, sem heroísmo. Por isso, rareiam vo- cações sacerdotais bastantes para o Portugal de aquém e de além-Mar; por isso, em grandes zonas da vida católica nacional se estende a sombra de um conservantismo estiolador de energias e muito semelhante ao que antecedeu a restauração da vida espiritual portuguesa de há trinta anos. E isso é, com efeito, um perigo bem pior do que o marxismo, como o lembrou aos seus conservadores diocesanos o venerando Prelado de Portalegre e de Castelo Branco.

António Maria Zorro

Um problema que continua insolúvel

A CRISE DA HABITAÇÃO NA NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nós, parece continuar e não encontra solução.

Esta situação mereceu da parte da Conferência de S. Vicente de Paulo, uma sincera atenção, levando-os a construir, com donativos, um bloco residencial de 6 casas, no valor de 150.000\$!

Estas casas, destinadas às famílias mais pobres, estão isentas de renda.

Esta obra dos Vicentinos, feita sem qualquer interesse monetário, apenas no intuito de proporcionar um melhor lar e expectativa de melhores dias a casais pobres, é merecedora da maior gratidão e dos mais altos encómios. No entanto, não tem sido compreendida por todos.

Com as remodelações e beneficiações que a nossa indústria e o comércio tem sido forçado a fazer, têm vindo instalar-se em Vila Real grande número de operários de fora, que procurando habitação para as suas famílias, ainda vieram aumentar mais este tão crucial problema. Num período de cinco anos (de 1952 a 1956), a natalidade, no nosso concelho, superou em muito o número de óbitos em igual espaço de tempo, podendo nós assim verificar:

Período de 1952 a 1956:

Nascimentos	1.743
Óbitos	823

Houve, neste período de tempo, uma diferença de 920 habitantes, o que (em confronto com anos anteriores) poderemos dizer que dentro de poucos anos haverá um acréscimo de 1.000 habitantes por cada 5 anos, ou seja 200 habitantes por cada ano.

No propósito de contribuir com elementos de informação e estudo que possam esclarecer o problema e ajudar a sua solução, vamos publicar uma série de entrevistas com os construtores civis da nossa vila sobre este momentoso assunto, do maior interesse para a nossa terra.

A. de Mendonça

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados José Inácio da Silva Bento e mulher, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Hortas, para no prazo de 10 dias, posterior áquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por António Gomes Toledo.

Vila Real de Santo António, 23 de Abril de 1957.

O Chefe da Secção,

(a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

1\$20

Apenas por esta tão pequena quantia obtém o público um grande produto.

Isto só é possível porque uma fábrica vem, há bastantes anos, melhorando os seus processos tendo em vista servir o seu consumidor de modo a dar-lhe, dia a dia, por menos preço, mais alta qualidade.

1\$20

Não representa o pagamento de um vulgar refresco — é a quantia com que se recebe, fresca, saborosa e salutar uma bebida que vale muito mais, dadas as suas magníficas características.

Por isso, ao preferir e recomendar a série de refrigerantes SIMON, corresponde ao esforço, à honestidade de uma fábrica antiga no nome e no tempo, mas sempre moderna, actualizada e eficiente no sistema e métodos.

1\$20

O CUSTO DO CONTEÚDO DESTA



ETELBERTO - Cabeleireiro



RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executa os mais actualizados penteados pela — técnica mais moderna —

Permanentes a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfrisa cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



V. T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º ESQ.

TELEF. 23690-25721

LISBOA

Tudo para a protecção das construções CIVIS E INDUSTRIAIS!

Vedações hidrófugas — Isolamentos — Pinturas PRODUTOS DAS MAIS ANTIGAS E CONCEITUADAS FABRICAS ESTRANGEIRAS

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DOS TÉCNICOS DA CONSTRUÇÃO!

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Fixe a nossa marca E TOME NOTA!

Se deseja conservar o material ou o imóvel em bom estado, compre um produto realmente protector, empregando bem o dinheiro!

Antes de comprar, consulte, sem compromisso, os nossos serviços técnicos.

Ào iniciar esta despretenhosa secção, quero apresentar as minhas saudações a aqueles fiéis leitores de «A Janela da Saudade», que durante algum tempo pude manter neste jornal. E prometo que tudo farei para não me tornar muito maçador, com este «Varandim»...

MUSICA PORTUGUESA

Não dou, certamente, nenhuma novidade, quando aqui venho dizer quanto é grato para nós, portugueses, escutarmos numerosas canções portuguesas pelas emissoras estrangeiras. Sei disso.

Mas o que verdadeiramente me impressionou, há dias, foi o facto de escutar um espanhol, em Rádio Tânger, cantar, na sua língua, uma canção portuguesa, cujo estribilho, diversas vezes repetido, dizia: «Meu Portugal querido...» Mas em espanhol, entenda-se!

Palavra que ainda agora não sei bem explicar a sensação que isso me deixou... Como se me sentisse roubado nalguma coisa que nem sei definir... Como se visse violado algo que só a nós pertencesse... Qualquer coisa como se viessem abanar a casa onde habito...

Não sei... Tanto prazer, noutras vezes, quando se escutam músicas nacionais em postos estrangeiros; mas imenso desprazer, desta vez!...

LIÇÕES PEDAGÓGICAS

Fui um dos que tiveram a satisfação de escutar lições, durante os dois dias em que elas se realizaram na Escola Masculina, por professores primários deste concelho e de Alcoutim.

O alto espírito educativo que norteou a confecção de tais lições faz-me pensar na muita utilidade que, para os que se dedicam a assuntos de educação e instrução, a publicidade de tais trabalhos poderia representar. Não poderiam tais lições ser publicadas num só número do jornal. Mas, mesmo que a publicação das mesmas pudesse ocupar algumas colunas em diversos números, estou convencido de que valeria a pena. Os trabalhos lidos são de elevado interesse. Para os professores (e tantos são) que assistiram a tais lições, como para muitos outros espalhados pelo País, que certamente gostariam de saber o que os seus colegas teriam proferido, neste curso de aperfeiçoamento realizado nesta terra fronteiriça, onde Portugal acaba e a Espanha começa...

Aqui fica o alvitre. Seria bom que não fosse em vão.

COMETA Durante umas quantas noites, este novo cometa deixou-se ver por quantos assim o desejaram... Este extraordinário acontecimento tem sido seguido, lá fora, com crescente interesse. Fala-se de que tem duas caudas; que tem um chifre; que é possível que se desfaça numa chuva de estrelas, etc.

Deste recanto sulista, pudemos ver, na passada semana, o novo cometa. E escutamos diversos diálogos, a propósito...

— Os antigos dizem que isso quer dizer que estão para vir muitas calamidades...

— Tretas...

— O quê?! Não acredita? Vê lá tu, em 1910... Até diziam que ia acabar o mundo, e tudo!

— Mas, como vês, não acabou...

— Pois não acabou. Mas não veio a guerra de 14/18? E não veio a fome e a peste? Não veio? Diz lá?

— Sim, veio tudo isso. Mas não me queiras tu convencer que foi o cometa que teve a culpa disso. Ou foi?

— Não sei, não sei... Mas que quando aparece um cometa quer dizer que estão para vir acontecimentos graves, eu acredito. Que queres? Acredito, pronto.

— Ninguém te pode levar preso por isso! Acredita à vontade, homem!

Outros diálogos, a propósito de tal acontecimento, ilustraram as duas ou três noites em que tal foi visível... Mas, para que alongar demasiado este simples apontamento?

PENISCOS

A cega não se deu completamente por vencida... Procurou ser útil. Em parte, tem conseguido realizar o seu desejo. Mesmo adentro do seu mundo de infortúnio, ela vai produzindo algo de utilidade. Ainda outro dia...

— O que é isso?

— Uma almofada de peniscos...

— Como? Uma almofada de quê?!

— De peniscos...

— Que nome novo para mim!

— E' como dizem lá no campo.

— Quem é que fez isso?

— Uma tia minha, que vive no Azinhal.

— Está bem feita, realmente.

— E se eu lhe disser uma coisa, ainda a acha mais bem feita...

— Diga lá.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CRÓNICAS



IRREQUIETAS



Esclarecimento

A chuva que caiu durante esta semana dificultou-nos a pesca, pois que, com a água doce, o peixe morde a isca e cava do anzol.

O fumo evolava-se em densas nuvens, dando um cheiro acre à sala do «Café».

Numa mesa próxima da nossa, um grupo de rapazes, bastante conhecidos no meio, falavam sobre raparigas e, por conseguinte, nuns pensamentos mais arrojados, acerca de casamentos.

Um dos rapazes, com ar desiludido e melancólico, disse, como que num suspiro:

«No presente, é difícil encontrar uma mulher que nos dê uma independência económica.»

Cúmulo dos cúmulos

Conhecemos um indivíduo, tão lento de raciocínio que pensou declarar-se a uma rapariga e, quando conseguiu encontrar os termos para poder exprimir-se, já a neta dessa rapariga tinha casado.

Como já uma vez tínhamos lá estado, e como dizem que o criminoso volta sempre ao local do crime, voltámos a sentar-nos no nosso banco predilecto do jardim da Avenida da República.

Perto de nós, duas senhoras conversavam da educação dos seus rebentos queridos.

Dizia uma delas:

«Estou maravilhada com os efeitos da educação que dei ao meu filho. Outro dia, quando regresssei a casa de uma visita que fiz à senhora X, encontrei o espelho do guarda-fatos partido e o meu filho com um martelo na mão.»

Pois perguntei-lhe, com ar de sangada, quem tinha feito aquilo e ele respondeu-me, prontamente: Fui eu, mamã!

Pois sabe a senhora porque é que eu não lhe bati?...

A outra senhora meditou um

RETRETES PÚBLICAS

Até nós chegaram pedidos de vários leitores, para que façamos recordar às autoridades competentes a falta de retretes públicas na nossa vila.

Certamente, os nossos leitores não desconhecem o Balneário Público, que há bastantes anos funciona na nossa vila, onde existem, além de duches, retretes públicas gratuitas e reservadas, para ambos os sexos, pelo que podem ser utilizadas a qualquer hora do dia.

E' certo que era de grande necessidade uma retrete pública na Avenida da República, que ficaria mais central, mas a nossa vila encontra, neste caso, dois problemas: não é possível construir retretes subterrâneas, pois encontra-se água a pouca profundidade, e junto ao rio não é possível edificar, pois a Guarda-Fiscal não autoriza, alegando que tal construção impediria a visibilidade da vigilância sobre o rio Guadiana.

ACÇÕES

Da «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta: Apartado n.º 13 - FARO.

Assinala e propaga «Noticias do Algarve»

— E' que ela é cega.

— Cega?! E faz dessas almofadas tão bonitas?!

— Sim.

— Veja lá... não me enfie o barrete...

— Palavra! Acredite, que é verdade.

E acreditei. Não havia qualquer interesse em deturpar a verdade. Se qualquer dos leitores não souber o que são «peniscos» (tão simples de saber!), prometo que noutra vez volverei, para explicar.

pouco e respondeu, rapidamente: — Naturalmente, porque ele tinha o martelo na mão...

Edificação desmoronada

Com a súbita partida dele, o seu ar deixou de ser tão alegre, baixou as persianas dos seus olhos, com uma tristeza enternecedora.

Eis um amor que foi abalado até aos alicerces.

Quando ela lhe perguntou porque é que ele tinha sempre tanto cuidado com o relógio, ele respondeu:

— E' que o meu relógio, querida, é anti-choque e inquebrável!

Você sabia que:

As garotas são como o dinheiro: pode faltar, mas não sobra.

Temos hoje a colaboração de uma desconhecida, que, em carta que nos endereçou, coloca-nos em posição de réus.

A nossa secção está à disposição do leitor; e, mesmo que sejamos nós os atingidos, não deixaremos de transcrever a prosa enviada.

Apraz-nos, até, tornar pública esta missiva, porquanto reconhecemos na sua autora um fino espírito crítico.

Somos levados a acreditar tratar-se de uma pessoa com o curso liceal e que conhece o Sotavento do Algarve, pela necessidade, ou ex-necessidade, de visitar a capital durante dois anos de trabalho. Para ela os desejos de longa vida, dedicados ao mister nobre para que canalizou a sua actividade.

«Aos autores das Crônicas Irrequietas.

Decerto ides estranhar que esta carta seja dirigida a vós, meus repórteres contrerriáneos. Mas, ao ler as vossas «tão espirituosas e irrequietas crônicas», nasceu em mim o desejo veemente de vos dar réplica e defender aguerridamente aquilo a que acho dever fazer justiça.

Não nego reconhecer em vós um espírito observador e crítico, que nos proporciona uns momentos de boa leitura. Mas, o que me desgosta, seriamente, é que tenhais levado o assunto das vossas tão traquinas crônicas para o lado da crítica, o que, falando mais claramente, nós chamamos a já tão propagada má língua. Sim, só é pena que tal aconteça, porque de contrário vos dar-nos-íeis, nas vossas crônicas, ensejo para os classificarmos de bons repórteres.

Porque tornais alvo das vossas tão afiadadas penas e do vosso tão severo bloco de notas alguma frase que, lançada ao vento e perdida pelas ruas, vós acolheis com o vosso espírito crítico?

Advirto-os de que não sou nenhuma das até então alvejadas pelo vosso tão acentuado «olfacto». Porém, senti uma espécie de revolta, ao tomar conhecimento do assunto que vós escreveis.

Sim, também a «moda» chegou até junto de mim e, contagiada pela constante audição da tal frase da moda, não me contenho em dizer-vos: «Acho-os lindos e coloridos».

E' naquele cantinho da Rua Teófilo Braga, junto ao marco do correio, onde se reúne essa grande turba masculina, que vós captais frases e vedes qual aquela ou aquele que servirá de alvo para as vossas crônicas semanais.

Eu gostaria de saber qual a opinião de todos os leitores dos vossos artigos. Quantos aprovam o vosso assunto? Quantos não concordam com a vossa maneira prática de ridicularizar as pessoas?

«Vilarrealenses, tende cuidado, não faleis alto demais nas ruas, porque até as paredes têm ouvidos!...»

Os 2 Repórteres e Uma Desconhecida

Taxa Militar

Informamos os nossos estimados leitores de que o pagamento da Taxa Militar pode fazer-se ainda durante o corrente mês. Depois, sofrerá acréscimo de juros.

QUANDO TEREMOS

UMA ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM?

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Camionagem não é por nós conhecido. Porém, em face do importe da obra, cremos que deveria ser um edifício único no Algarve, capaz de satisfazer plenamente as exigências e comodidade dos inúmeros passageiros que diariamente utilizam os transportes de autocarros.

Qualquer das duas empresas concessionárias dos transportes colectivos de camionagem no Sotavento do Algarve — Empresas Rodoviária e de José Pilar — não possuem em Vila Real de Santo António os requisitos necessários para os passageiros, faltando-lhes salas de espera devidamente adequadas. A Empresa Rodoviária possui uma pequena agência nesta vila, mas com um espaço tão exiguo que as suas dimensões não vão além de 10 m2. Ali arruma mercadorias, servindo também de sala de espera e bilheteira, pelo que, em dias de maior movimento, os passageiros têm de ficar na rua, sujeitos às inclemências do tempo. Todos os serviços de embarque e desembarque são efectuados em plena Avenida, quer chova ou faça sol.

Recordamos que em Huelva, Espanha, existe uma estação de camionagem, da firma Arturo Damas, com um largo portão para a entrada de autocarros e disposto de faixas de rodagem, conforme as carreiras, e alto-falantes para informar o público das horas das partidas e dos destinos.

Uma Estação de Camionagem seria, portanto, um melhoramento de grande interesse e utilidade para Vila Real de Santo António, beneficiando não só o público como as próprias empresas, pois disporiam de mais amplas acomodações para maior eficiência dos respectivos serviços. E foi essa certeza e elevada visão que provavelmente influíram na concessão daquela comparticipação.

Tal obra, porém, não se realizou, como muitas outras que não medram na nossa terra. A princípio, tudo são alegrias e promessas, tudo é feito sem se terem em conta as causas próximas, remotas e futuras; depois, é o caos e tudo desaparece, com desculpas insolitas, na poeira dos arquivos.

Nestes últimos anos, os municípios têm visto quase todos os planos da Câmara materializarem-se, e oxalá tudo siga normalmente, no que diz respeito aos projectos agora apresentados, para um futuro melhor, tanto no campo económico como turístico, mas não prometam muito, pois o nosso povo está habituado a bem pouco, e às vezes, pela força das circunstâncias, sente-se orgulhoso demais, para depois sentir-se mesquinho com o não realizado.

A. de Mendonça

HOTEL GUADIANA

Após as beneficiações que lhe eram imprescindíveis, abre de novo ao público, já com serviço de refeições, o Hotel Guadiana, que durante alguns meses apenas estava aberto para pernoitar.

A abertura do Hotel Guadiana era um melhoramento turístico que se impunha na nossa vila, pois todos os visitantes estrangeiros têm ido lá pernoitar, tendo tido grande aborrecimento por terem de ir tomar as suas refeições a restaurantes.

Deve-se este melhoramento ao seu concessionário, sr. Manuel Domingos, mercê do seu espírito de iniciativa.

Tenente-Coronel

Manuel dos Santos Madeira

Na passada semana, assumiu o comando interino do Regimento de Infantaria n.º 4, em Faro, o sr. tenente-coronel de Infantaria, Manuel das Dores dos Santos Madeira Junior, que desempenhava as funções de 2.º Comandante no mesmo Regimento.

«Noticias do Algarve» manifesta publicamente a sua franca satisfação pelo facto e faz votos para que o distinto oficial, que como comandante distrital da Legião Portuguesa tem prestado relevantes serviços, alcance também no cargo para que foi investido os maiores êxitos.

Visado pela Comissão de Censura

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Uma entrevista necessária

NUNCA É DE MAIS A FISCALIZAÇÃO DAS AUTORIDADES SANITÁRIAS

Diz ao «Noticias do Algarve» o industrial JOSÉ D. VIEIRA VELASCO

INSERIU, há dias, este jornal um «comunicado» da Fábrica de refrigerantes Simon, documento que sintetizava um passado, um presente e um futuro.

E, porque nos impressionou a maneira clara e desasombrosa com essa organização torna público o que pensa, achámos ser interessante ouvir o seu proprietário e técnico, sr. Vieira Velasco.

Um golpe telefónico, hora marcada, e fomos até à fábrica.

Atendidos imediatamente e convidados a examinar tudo o que quiséssemos, visitámos todas as secções, onde se trabalhava em pleno rendimento, notando-se perfeita ordem e aseo impecável.

Máscaras, redes e aventais, como defesa contra o estilhaçamento das garrafas, submetidas a fortes pressões.

Água fresca e corrente, novelos de espuma, branca como a neve, pela presença de detergentes de alto valor antisséptico, tornam possível garantir uma perfeita lavagem do vasilhame, que raparigas bonitas, com cores sadias, de fardas e toucas alegres, preparam para seguirem às máquinas enchedoras e capsuladoras.

Numa sala de paredes claras com ampla cubicagem, o laboratório: brilhantes depósitos de metal inoxidável, frascos grandes de vidro, de boca larga, e rótulos onde se lêem os nomes dos mais caros produtos e os endereços das suas origens, entre outras: Inglaterra, Espanha, Alemanha, França, Suíça e Estados Unidos da América, mais frascos em fina porcelana, armários pintados a esmalte e vários aparelhos de precisão.

José Vieira Velasco, de bata branca, terminava, quando entrámos ali, um estudo de dosagens. Já no escritório, após termos saboreado um dos seus magníficos refrigerantes, pedimos ao conhecido industrial que nos dissesse alguma coisa sobre a temporada que agora se inicia.

A um gesto, que queria dizer pergunte, interrogámos: — E' verdade que este ano a sua fábrica vai a novos mercados?

O nosso entrevistado diz-nos: — Sim, de facto assim penso proceder!

— E acha, senhor Velasco, que esse alargamento vai prejudicar as fábricas algarvias concorrentes?

— Não! De modo nenhum! Qualquer delas pode aumentar a produção, pois o mercado tem capacidade de consumo muito superior. Lembrem-se da existência de tantas marcas de origens alheias à nossa província.

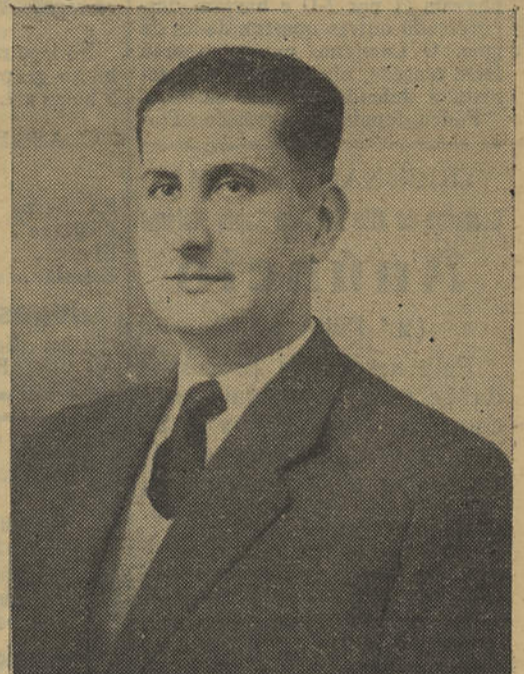
— Quer dizer, então, que o não anima desejo de rivalidade?

— Absolutamente! Trabalho para atender as exigências do público e não para fazer mal a esta ou àquela fábrica. Claro que melhor o mais possível os meus métodos, mas acho ser essa a minha obrigação.

Uma pequena pausa e atrevemo-nos a dizer: — Como encara o papel fiscalizador das autoridades sanitárias?

José Velasco ergue-se e, vigorosamente, dá-nos a resposta: — Acho que nunca é demais a fiscalização das autoridades sanitárias e penso que deve ser permanente, enérgica e justa — a saúde do consumidor é demasiado importante para se poder permitir tolerância ou quebra nas exigências de condições de higiene. E' sempre com todo o prazer que recebo a visita da fiscalização, pois ela dá-me a certeza de proceder como deve actuar um industrial sério. Há certos pormenores que podem escapar-nos e as autoridades têm não só o direito como o dever de no-los indicarem, para defesa da saúde pública.

A maneira como José Velasco nos responde dá-nos ânimo para nova pergunta, talvez mais delicada: — Todas as fábricas do Algarve estão montadas de modo a po-



derem garantir higienização perfeita?

A resposta vem rápida: — Não posso pensar doutro modo, pois, se não estivessem, a fiscalização não permitiria a sua laboração. Tenho o maior respeito pelas entidades que exercem essa acção e sei até que ponto são competentes! Além disso, julgo que os meus colegas fazem como eu: têm as suas portas abertas para que todas as pessoas possam verificar os cuidados na fabricação dos produtos que vão beber e dar a seus filhos.

Um retinir de campanha; José Velasco atende. Nós inquirimos ainda: — Encontrou muitas dificuldades para alcançar o lugar que tem hoje, ou foi fácil?

— Encontrei muitas dificuldades! E' do conhecimento geral como tomei sobre os meus ombros a responsabilidade de uma indústria que, não obstante ser pequena, era para seguir e ampliar como compete a quem sente o dever de cidadão desejoso de ser útil ao seu meio. Foram necessários anos de trabalho e sacrifício — depois, sabe, os estabelecimentos de crédito não consideram — como é, ou pode parecer natural — seguro conceder facilidades a uma organização deste género e, por isso, tive de ir consolidando a minha posição com os próprios resultados de cada exercício. Mas, enfim, cá vamos andando e, com a ajuda do público, a quem estou muito agradecido, talvez possa atingir o que desejo.

Achámos não dever ocupar mais tempo ao homem que tão francamente nos falara — aos nossos ouvidos chegava o som das máquinas. Milhares de unidades estavam prontas para seguir ao seu destino e o sol, entrando pelas janelas, parecia pedir que o atendessem, pois tinha sede.

Despedimo-nos, desejando ao proprietário da Fábrica Simon que os seus esforços, a sua tenacidade, tivessem a compensação bem merecida!

E' com trabalhadores assim que os países se prestigiam, pois eles representam uma classe que, dignificando pequenas indústrias, fazem, no conjunto, uma larga coluna de exemplos de labor e ética social.

BILHETES DE IDENTIDADE

Foi enviado para o «Diário do Governo», pelas pastas da Justiça e do Ultramar, o diploma que reorganiza os serviços de identificação, os quais ficam constituídos a Direcção dos Serviços de Identificação.

Por este diploma, é dada satisfação aos reparos feitos, pelo facto de os bilhetes de identidade passados no Ultramar não terem validade no Continente; assim, o bilhete de identidade, quer seja emitido em Lisboa, Porto e Coimbra, ou pelas secções do arquivo do Ultramar, é válido para todo o território português.

Assinala e propaga «Noticias do Algarve»